



## DESAFIOS NA CLASSIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DE FORMAS DE RELEVO EM PLANÍCIES FLUVIAIS COMPLEXAS NO BRASIL

Cremon, E. H.<sup>1\*</sup>, Pupim, F. N.<sup>2</sup>, Pelech, A. S.<sup>3</sup>, Hayakawa, E. H.<sup>4</sup>, Silva, A.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Goiás, Goiânia, Brasil

<sup>2</sup> Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

<sup>3</sup> Diretoria de Geociências, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, Brasil

<sup>4</sup> Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná

<sup>5</sup> Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil

\* edipo.cremon@ifg.edu.br

### RESUMO

As planícies fluviais no Brasil apresentam uma diversidade de formas de relevo que desafia os sistemas convencionais de classificação geomorfológica. A presença simultânea de feições ativas e inativas, a atuação de processos multicanais e a ocorrência de megaleques limitam abordagens tradicionais baseadas em unidades como canais, ilhas, planícies de inundação, terraços e leques. Essa realidade exige aprimoramentos metodológicos que viabilizem maior detalhamento e consistência na aplicação dos produtos cartográficos. Neste contexto, o presente trabalho busca contribuir com as discussões em curso sobre o Sistema Brasileiro de Classificação do Relevo (SBCR), com ênfase na revisão e ampliação das categorias voltadas a ambientes fluviais complexos. O estudo tem como foco três áreas representativas: o Pantanal Matogrossense, o Pantanal Setentrional (interflúvio dos rios Negro e Branco, no norte da Amazônia) e a Planície do Bananal, localizada na bacia do rio Araguaia. A metodologia envolveu a análise dos documentos produzidos no âmbito do SBCR e a aplicação de um modelo taxonômico estabelecido na literatura, que organiza unidades geomórficas fluviais em níveis hierárquicos. Foram utilizados dados topográficos, imagens de sensoriamento remoto, interpretação em Sistemas de Informação Geográfica e observações de campo. A abordagem propõe a incorporação de atributos descritivos para qualificação das planícies, contemplando parâmetros relacionados à energia do sistema, tipo de margens, altura relativa em relação à rede de drenagem, origem morfogenética e condição funcional. Os resultados indicam a necessidade de sistematizar a classificação das planícies considerando: (i) a energia e o grau de confinamento lateral; (ii) a altura relativa, útil para distinguir diferentes níveis de terraços e superfícies deposicionais; (iii) a gênese, com distinção entre planícies formadas por rios sinuosos de canal único, entrelaçados de canal único, multicanais, megaleques (de rios entrelaçados ou meandrantés), interleques, sistemas lacustres, planícies úmidas (de origem alagadiça pouco definida) e planícies indiferenciadas; e (iv) a situação atual, diferenciando superfícies ativas e inativas quanto aos processos agradacionais. Essa proposta favorece a leitura integrada de casos como os lobos ativos e abandonados dos megaleques no Pantanal e da planície alagada do Bananal, onde a dinâmica hídrica independe do transbordamento fluvial. A discussão aponta a viabilidade de incorporar essas distinções às tabelas de atributos dos produtos cartográficos digitais, por meio de campos específicos e classes predefinidas. Conclui-se que a adoção de critérios classificatórios mais refinados permite representar com maior fidelidade a diversidade morfológica e funcional das planícies fluviais tropicais, contribuindo para o aprimoramento do SBCR e sua adequação às particularidades de sistemas de baixa declividade e alta variabilidade hidrossedimentar.

**Palavras-chave:** Hierarquização geomorfológica, Megaleques, Ambientes alagáveis, SBCR.